



Conectando lugares e narrativas: reflexões sobre o ensino de geografia a partir do Frigorífico Matarazzo em Jaguariaíva - Paraná, Brasil

Thiago Luiz Calandro ¹

Maria Fernanda Chelski Myszynski ²

Lucinei José Myszynski Junior ³

Destaques

- Narrativas e geografias do passado.
- Pesquisas documentais e fenômenos geográficos.
- Narrativas, representações do espaço e ensino de Geografia.
- Vazios industriais, ressignificação do espaço e ensino de Geografia.

Resumo: Esta pesquisa analisa os discursos espaciais nas relações de trabalho do Frigorífico Matarazzo em Jaguariaíva, Paraná, com o objetivo de compreender as experiências dos trabalhadores e suas interações com o espaço industrial. Metodologicamente, foram utilizados documentos históricos, como o Livro de Registro de Empregados de 1939 e entrevistas com ex-funcionários, permitindo uma análise tanto objetiva quanto subjetiva das condições de trabalho. Os principais resultados revelam a diversidade de relatos sobre as condições laborais, destacando as lutas por melhores salários e a resistência dos trabalhadores, além de evidenciar como essas experiências moldaram suas identidades e memórias coletivas. A pesquisa sugere que essas narrativas podem enriquecer o ensino de Geografia, ao promover discussões sobre justiça social, exploração laboral e a relação entre espaço e história. Ao conectar as vivências dos trabalhadores com temas geográficos, a pesquisa propõe uma abordagem crítica que favorece a formação de cidadãos conscientes e engajados, ressaltando a importância de contextualizar o ensino de Geografia nas realidades espaciais e temporais dos alunos.

Palavras-chave: Frigorífico Matarazzo; Relações de Trabalho; Narrativas; Ensino de Geografia.

¹ Professor EBTT do Instituto Federal do Paraná - campus Jaguariaíva.

² Discente do Curso Técnico em Alimento, Instituto Federal do Paraná - campus Jaguariaíva.

³ Professor EBTT do Instituto Federal do Paraná - campus Jaguariaíva.

Este artigo foi selecionado entre os mais bem avaliados do V Congresso Brasileiro de Organização do Espaço (VCBOE), realizado entre os dias 06, 07, 08 e 09 de maio de 2025, na UNESP Rio Claro. Todos os artigos do evento foram revisados por pares no modelo simples anônimo e, os selecionados para esta publicação, foram submetidos a revisão editorial.



Este artigo está licenciado com uma licença Creative Commons.

CONNECTING PLACES AND NARRATIVES: REFLECTIONS ON THE TEACHING OF GEOGRAPHY BASED ON THE MATARAZZO SLAUGHTERHOUSE IN JAGUARIAÍVA - PARANÁ, BRAZIL

Abstract: This research analyzes spatial discourses within the labor relations of the Matarazzo Slaughterhouse in Jaguariaíva, Paraná, aiming to understand the workers' experiences and their interactions with the industrial space. Methodologically, historical documents such as the 1939 Employee Registration Book and interviews with former employees were used, allowing for both objective and subjective analysis of working conditions. The main findings reveal a diversity of accounts regarding labor conditions, highlighting struggles for better wages and worker resistance, as well as showing how these experiences shaped their identities and collective memories. The study suggests that these narratives can enrich Geography education by fostering discussions on social justice, labor exploitation, and the relationship between space and history. By connecting workers' lived experiences with geographic themes, the research proposes a critical approach that promotes the development of conscious and engaged citizens, emphasizing the importance of contextualizing Geography teaching within the spatial and temporal realities of students.

Keywords: Matarazzo Slaughterhouse; Labor Relations; Narratives; Geography Education.

CONECTANDO LUGARES Y NARRATIVAS: REFLEXIONES SOBRE LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA A PARTIR DEL MATADERO MATARAZZO EN JAGUARIAÍVA - PARANÁ, BRASIL

Resumen: Esta investigación analiza los discursos espaciales en las relaciones laborales del Frigorífico Matarazzo en Jaguariaíva, Paraná, con el objetivo de comprender las experiencias de los trabajadores y sus interacciones con el espacio industrial. Metodológicamente, se utilizaron documentos históricos, como el Libro de Registro de Empleados de 1939 y entrevistas con ex empleados, permitiendo un análisis tanto objetivo como subjetivo de las condiciones laborales. Los principales resultados revelan la diversidad de relatos sobre las condiciones laborales, destacando las luchas por mejores salarios y la resistencia de los trabajadores, además de evidenciar cómo estas experiencias moldearon sus identidades y memorias colectivas. La investigación sugiere que estas narrativas pueden enriquecer la enseñanza de Geografía, al promover discusiones sobre justicia social, explotación laboral y la relación entre espacio e historia. Al conectar las vivencias de los trabajadores con temas geográficos, la investigación propone un enfoque crítico que favorece la formación de ciudadanos conscientes y comprometidos, resaltando la importancia de contextualizar la enseñanza de Geografía en las realidades espaciales e temporales de los estudiantes.

Palabras Clave: Frigorífico Matarazzo; Relaciones Laborales; Narrativas; Enseñanza de Geografía.

INTRODUÇÃO

A industrialização brasileira, especialmente a partir do início do século XX, trouxe mudanças significativas nas dinâmicas sociais, econômicas e espaciais de diversas localidades, destacando-se entre elas o município de Jaguariaíva, no Paraná. O Frigorífico Matarazzo, fundado na década de 1920, representa uma experiência emblemática que interage com a história da industrialização e as relações de trabalho no Brasil. Neste contexto, a presente pesquisa se delimita a investigar como os discursos espaciais moldaram as interações entre os trabalhadores e suas condições laborais no frigorífico, enfatizando a importância da memória e da narrativa na formação da identidade coletiva dos operários.

A justificativa para este estudo reside na necessidade de compreender as experiências dos trabalhadores em um ambiente industrial que, além de ser um local de produção, serviu como palco de lutas e resistências. Analisar esses discursos não apenas contribui para a preservação da memória histórica, mas também enriquece as discussões em sala de aula sobre as relações espaço-temporais na Geografia.

Os objetivos da pesquisa são, portanto, identificar os principais elementos discursivos que circulam nas narrativas dos operários, analisar a inter-relação entre espaço, trabalho e memória, e propor reflexões sobre as implicações pedagógicas desse estudo para o ensino de Geografia.

Metodologicamente, o estudo adotará uma abordagem qualitativa, utilizando-se tanto de entrevistas com trabalhadores e suas famílias quanto de documentos históricos, como registros fotográficos e reportagens de época. Essa combinação de métodos permitirá uma análise abrangente e rica, que ilumina as experiências individuais e coletivas dentro do contexto industrial do Frigorífico Matarazzo.

Os resultados da pesquisa sobre o Frigorífico Matarazzo em Jaguariaíva revelam a diversidade de experiências dos trabalhadores, destacando suas lutas, resistência e as condições de trabalho enfrentadas. Esses relatos oferecem uma representação multifacetada do espaço que enriquece o ensino de Geografia, permitindo discussões sobre justiça social, desigualdade e a relação entre espaço

e tempo. Ao incorporar essas narrativas, o ensino de Geografia pode promover uma compreensão mais crítica e contextualizada das dinâmicas sociais, formando cidadãos conscientes e engajados.

METODOLOGIA

Para analisar os discursos espaciais nas relações de trabalho do Frigorífico Matarazzo em Jaguariaíva, Paraná, adotamos as contribuições do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg (1989). Esse paradigma enfatiza a importância de pequenos detalhes e pistas que podem revelar verdades sobre experiências humanas mais amplas. A abordagem indiciária encoraja a examinar as narrativas pessoais dos trabalhadores não apenas como relatos isolados, mas como indícios que apontam para realidades sociais, culturais e históricas mais amplas.

As entrevistas realizadas com ex-funcionários do frigorífico proporcionam uma riqueza de detalhes sobre a vida cotidiana dos trabalhadores, suas memórias e experiências. Ginzburg propõe que esses elementos, por mais sutis que sejam, podem servir como indícios valiosos para compreender fenômenos mais amplos, como a exploração do trabalho, as relações de poder e as dinâmicas sociais da época.

A análise indiciária permite relacionar as experiências individuais aos contextos históricos e sociais em que ocorreram. Isso favorece uma compreensão mais profunda dos efeitos da industrialização e do papel do frigorífico na vida dos trabalhadores, ajudando a conectar micro e macro histórias.

As memórias coletadas em trechos das entrevistas podem ser vistas como fragmentos que contribuem para a construção de uma memória coletiva, permitindo uma análise que considere como as experiências individuais influenciam e são influenciadas por representações sociais mais amplas.

O paradigma indiciário é flexível e permite ao pesquisador adaptar sua investigação às especificidades dos dados coletados, promovendo uma análise mais rica e multifacetada que pode trazer à tona novas interpretações sobre o espaço e as relações de trabalho no frigorífico.

Ao aplicar as contribuições de Ginzburg, a análise das entrevistas se torna um exercício de interpretação que reconhece a complexidade das vivências

humanas e suas interligações com processos históricos e sociais. Essa metodologia permite explorar de maneira aprofundada as experiências dos trabalhadores do Frigorífico Matarazzo, revelando as nuances das relações de trabalho e suas implicações para a compreensão do espaço industrial.

DESENVOLVIMENTO

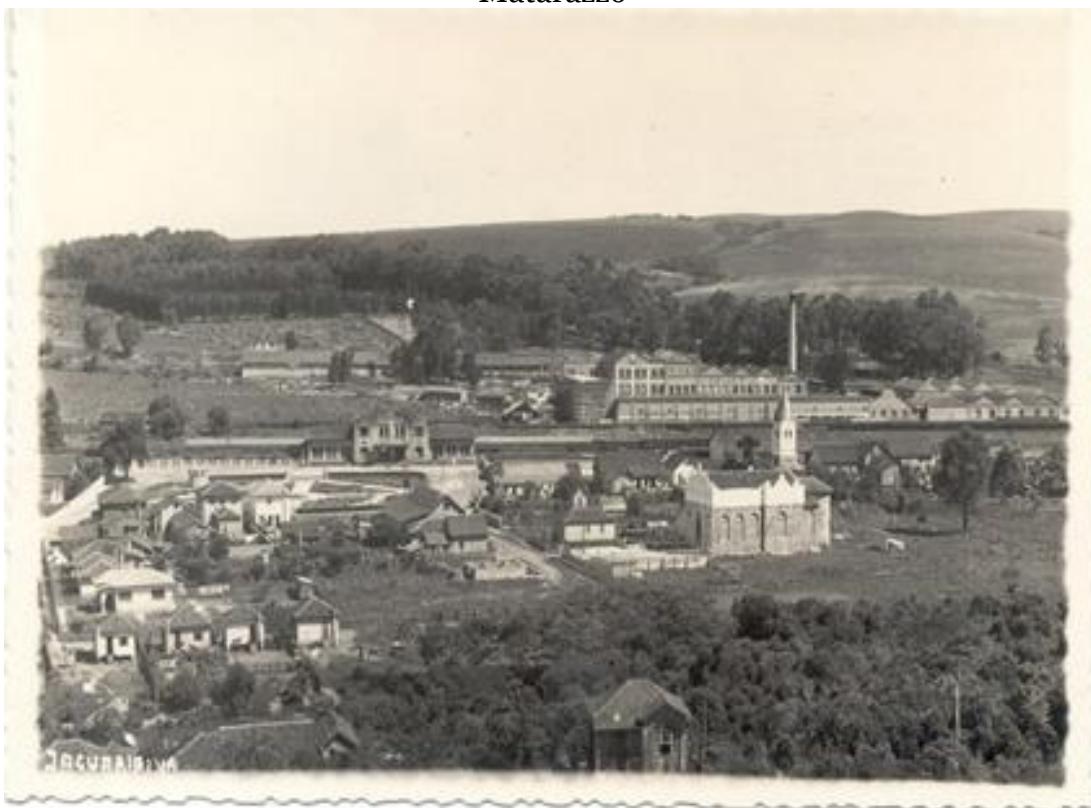
O frigorífico

A descrição do Frigorífico Matarazzo foi fundamenta no texto “Trabalhadores e Trabalhadoras do Frigorífico Matarazzo em Jaguariaíva (PR): cotidiano, experiência e resistência (1920-1940)”, dissertação de mestrado de Francielle Uchak.

O Complexo Matarazzo (figura 1), fundado em meados da década de 1920, incluía o frigorífico, uma usina, casas dos funcionários e o palacete onde Francisco Matarazzo se hospedava esporadicamente. A instalação do frigorífico no município de Jaguariaíva foi decorrente da grande concorrência das empresas de erva-mate e madeireiras, além da alta taxa de criação de gado e porcos no estado, o que representava uma ótima oportunidade para a instalação do frigorífico. Isso fez a cidade passar de um simples ponto na rota dos tropeiros para um importante centro das Indústrias Matarazzo.

Além disso, houve incentivos fiscais oferecidos pelo estado do Paraná e pela administração pública municipal de Jaguariaíva, que foram fundamentais para a escolha da cidade como sede do frigorífico Matarazzo. A cidade concedeu isenções de impostos e outros privilégios que tornaram a instalação do empreendimento viável. Inicialmente, a empresa cogitou se instalar em Tomazina-PR, mas o prefeito local se opôs, recusando-se a oferecer isenções fiscais, o que levou Francisco Matarazzo a optar por Jaguariaíva.

Figura 1 - Foto de Jaguariaíva na década de 1940. Ao fundo o Condomínio Matarazzo



Fonte: Página do Facebook Memória Identidade e Patrimônio: Frigorífico Matarazzo de Jaguariaíva-PR (2020).

O frigorífico era especializado no processamento de carne suína, produzindo derivados como embutidos, banha, sebo e outros produtos utilizados tanto para consumo interno quanto para exportação para países vizinhos como Uruguai e Argentina. No livro de registros, somavam cerca de 196 contratados, contudo, a autora afirma que nem todos os funcionários estavam registrados, especialmente mulheres e crianças. Havia funcionários russos, alemães, argentinos, portugueses, romenos e de outras etnias, que também exerciam cargos de chefia no frigorífico, com uma variação salarial igual. Grande parte dos trabalhadores brasileiros era do Paraná e São Paulo.

O frigorífico teve um papel importante na evolução de Jaguariaíva, com contribuições significativas, como a construção da escola Matarazzo por volta de 1930, clubes sociais e esportivos que promoviam lazer, e mercados destinados aos trabalhadores do frigorífico. Operando de 1924 a 1964, o fechamento do

frigorífico ocorreu principalmente devido à má manutenção das máquinas e do prédio onde se localizava. Além disso, uma seca em 1963 reduziu drasticamente as colheitas de milho, principal alimento para a criação de suínos, e a reformulação econômica do governo militar, juntamente com a mudança da produção suína para o sudoeste do Paraná, principalmente por organizações mais cooperativistas, contribuíram para o encerramento das atividades.

Depois de abrigar indústrias e ser adquirido pela prefeitura da cidade na década de 1990, o local ficou um tempo sem uso. Seu foco comercial variou e, quando voltou a ser utilizado por volta de 1990, tornou-se o que é hoje em dia: garagens, depósitos, empresas de diferentes ramos e o cinema do município, caracterizando-se como vazios industriais urbanos. Atualmente, o local se encontra com disponibilização social paga, onde empresas alugam espaços dentro do antigo frigorífico.

As entrevistas

O primeiro trabalho analisado foi o capítulo 5 do livro “Memórias do Frigorífico das Indústrias Reunidas Matarazzo em Jaguariaíva” de Ângela Brandão (2000) intitulado “O trabalho”. Nesse capítulo, a autora caracteriza, por meio de entrevistas com antigos trabalhadores do frigorífico, o ambiente de trabalho à época. Uma consideração importante da autora, está relacionada a visão positiva das narrativas dos entrevistados sobre o ambiente de trabalho, o que é divergente do contexto sistematizados por pesquisas históricas sobre as características da industrialização do início do século XX.

Dentre as várias narrativas expostas no livro, destacamos a do Senhor João Correia dos Santos que, no ano em que foi realizada a entrevista, ele tinha 77 anos. Sr. João iniciou suas atividades no frigorífico no setor de matadouro de porcos em 1929. No livro não consta a data de saída do senhor do trabalho no Frigorífico.

O operário tinha muito valor. Saí três vezes e entrei quatro. Só pedi emprego uma vez, mandavam me chamar, a inspeção federal, porque aprendi aquele movimento de veterinária Eles me davam uma licença de dois ou três meses e eu voltava. A última vez para trabalhar no canal, e não sai mais [...] eles queriam que eu continuasse. [...] Não tenho do que me queixar. [...] Todos foram muito bons comigo, desde o Conde, o filho, a

filha, Maria Pia. Muito boa também. [...] Tanto a direção como os outros, tudo muito bom. Foi uma pena acabar o Frigorífico, faz uma falta muito grande [...] (Brandão, 2000, p. 118).

Neste momento, nosso objetivo é aprofundar as explicações sobre as narrativas positivas constatadas na pesquisa, que, de certa forma, contradizem os estudos sobre a industrialização e a formação da classe operária em nosso país. Para isso, baseamo-nos nos estudos de memória de idosos de Bosi (2004) e Halbwachs (2008).

Os estudos da memória indicam que lembramos de acordo com nossas posições sociais em um grupo e também com base no nosso contexto atual. Assim, as memórias do senhor João, assim como as dos outros indivíduos entrevistados, refletem a posição de trabalhadores que exerciam atividades distintas no frigorífico, levando em consideração o contexto em que as entrevistas foram realizadas. Bosi (2004) traz algumas contribuições sobre "Memória do Trabalho", que transitam entre a memória-hábito de Bergson (1990) e os quadros sociais da memória de Halbwachs (1990 e 2008).

A autora expressa:

O fazer do adulto ativo inibia o lembrar, mesmo porque o "lembrar" da memória-hábito bergsoniana é uma operação já plenamente integrada e absorvida pelos gestos e mecanismos da profissão. Na velhice, quando já não há mais lugar para aquele "fazer", é o lembrar que passa a substituir e assimilar o fazer. Lembrar agora é fazer. É porque isso que o velho tende a sobrestimar aquele fazer que já não faz mais (Bosi, 2004, p. 480).

A memória e a identidade estão intimamente ligadas às nossas experiências e práticas acumuladas, significadas e ressignificadas ao longo da vida. Lembrar é uma maneira de se reconectar com um período de mudanças e desenvolvimento que nos trouxe até o presente. Assim, as trajetórias de vida que levam ao estágio atual são lembradas de maneira positiva como forma de valorização da autoimagem, que também é construída de maneira coletiva. A síntese desse processo pode levar o senhor João a relevar as dificuldades encontradas no trabalho. No entanto, em uma situação hipotética, se o senhor João tivesse sofrido um acidente, contraído alguma patologia ou sofrido alguma sequela permanente em seu trabalho, será que a lembrança seria otimista dessa

forma? Assim, inferimos que o entrevistado, no momento da entrevista, encontrava-se em uma situação confortável da vida. Lembrar é uma maneira de valorizar sua trajetória de vida, identificar-se e integrar-se à sociedade.

O sentimento de nostalgia permeia as memórias saudosistas e a realidade difícil dos operários ecoa a ideia de Halbwachs (2008) de que a memória pode ser seletiva e influenciada por contextos sociais e emocionais. A nostalgia pode obscurecer as dificuldades enfrentadas no passado, criando uma imagem mais positiva que pode não refletir a realidade completa.

Deste modo, em um sentido, o quadro que reconstruímos do passado nos dá uma imagem da sociedade mais de acordo com a realidade. Porém, em outro sentido, a forma como esta imagem deveria reproduzir a percepção antiga é inexata: é incompleta, na medida em que se reduzem as características desagradáveis que a embaralham ou, a sobrecregam, já que a ela se acrescentam algumas novas características que não observávamos. De todo caso, interessa a sociedade em descobrirmos assim, a partir de uma visão retrospectiva, os tesouros da benevolência que carrega, mas que são contidos enquanto tiver necessidade de afirmar a sua autoridade (Halbwachs, 2008, p. 656).

Além disso, existe no indivíduo a necessidade de reafirmação e valorização da autoimagem. Halbwachs argumenta que a sociedade obriga os indivíduos a retocar, cortar e complementar suas lembranças para parecerem mais prestigiadas e exatas do que realmente foram. Isso se relaciona com a conclusão da autora sobre a contradição entre as memórias saudosistas e a realidade difícil dos operários, sugerindo que a nostalgia pode obscurecer as dificuldades enfrentadas no passado e criar uma imagem mais positiva que não reflete a realidade completa.

Com o intuito de tentar chegar mais próximo da realidade do cotidiano dos operários do Frigorífico Matarazzo em Jaguariaíva e também dos operários do Brasil, vamos analisar o texto de Uchak (2024), “A gente via o vai e vem de pessoas que trabalhavam na fábrica: experiências em comum dos trabalhadores e trabalhadoras do Frigorífico Matarazzo em Jaguariaíva–PR (1920 – 1940)”.

Uma primeira diferença entre os textos é o método. Enquanto a pesquisa de Brandão (2000) utiliza entrevistas, a pesquisa de Uchak (2024) é desenvolvida a partir da análise documental. Portanto, as inferências e representações das

práticas são desenvolvidas pela autora. O intuito não é deslegitimar o método, mas evidenciar que métodos distintos podem apresentar interpretações diferentes do espaço e do tempo.

A análise documental da autora se apoiou em registros fotográficos, um Livro de Registro de Empregados de 1939 e reportagens publicadas na imprensa paranaense entre os anos de 1920 e 1940. A pesquisa tem o objetivo de destacar as experiências, resistências e lutas dos operários por melhores condições de trabalho no Frigorífico Matarazzo, revelando a diversidade étnica, etária e de gênero dos funcionários, composta por imigrantes e brasileiros.

Desta maneira, destacamos dois pontos da pesquisa da autora: os baixos salários, que evidenciam a exploração do trabalho, e a resistência por meio de movimentos de greve. A remuneração pelo trabalho variava conforme o cargo, e foi evidenciado que alguns funcionários recebiam um salário maior pela mesma função desenvolvida. Em relação aos salários: “O menor salário registrado era 50\$ mil réis e referia-se ao cargo de auxiliar de armazém, e o mais alto, 3\$000,000 milhões de réis, ao diretor e ao gerente do frigorífico” (Uchak, 2024, p. 493). Uma constatação foi que, normalmente, os imigrantes ocupavam os cargos mais altos e, consequentemente, recebiam os maiores salários.

Entre 1883 e 1942, a moeda no Brasil era o réis. Os trabalhadores do Frigorífico Matarazzo foram registrados entre 1923 e 1948, período em que o poder de compra variou ao longo dos anos, assim como as condições de vida em Jaguariaíva. Para entender o poder de compra do salário mensal mais comum, 600\$000 réis, é necessário comparar com os preços de itens essenciais. Em 1931, uma propaganda do jornal Diário da Tarde mostrou que 1 kg de açúcar custava 950 réis, um pacote de café 1\$300 réis e 1 kg de arroz 450 réis. Esses itens básicos tinham preços elevados, e os trabalhadores com salários inferiores enfrentavam dificuldades para cobrir o custo de vida, que já era alto na época. Além dos baixos salários, não era raro que as jornadas de trabalho ultrapassassem 10 horas diárias (Uchak, 2024).

Com a chegada da industrialização brasileira no início do século XX e as péssimas condições de trabalho dos operários que acompanharam esse processo, ocorreram inúmeras greves, principalmente nos grandes centros como São Paulo

e Rio de Janeiro. As reivindicações operárias foram determinantes para que as greves fossem garantidas como direito constitucional em 1946 (Uchak, 2024).

Com o contexto grevista nacional, Jaguariaíva não ficou de fora. Há dois registros de greve no frigorífico Matarazzo em Jaguariaíva, uma 1930 e outra 1936. Contudo, por ser um centro urbano pequeno, forças de poder e controle social, as greves também foram pequenas.

Destacamos a greve que aconteceu entre os dias 21, 24 e 26 de novembro de 1936. Nessa greve, a autora tem o registro do líder da greve Nahyr de Andrade, realizada pelo jornalista Mario Potin, do Jornal Curitibano Diário da Tarde.

Foi então que me ocorreu a mente, ouvir em primeiro lugar a palavra do sr. Nahyr de Andrade, o chefe grevista idealizador do movimento. De frente ao hotel Salvador, às 21 horas, encontrei-o à frente de uns 100 dos seus companheiros de trabalho, indagando-lhe:

M-Pode o sr. Me dizer das razões que determinaram o movimento grevista?

N- Com quem tenho o prazer de falar, por favor?

M-Sou um repórter. Desejo saber quais os motivos que o levaram à chefia desse movimento, para descrever com precisão, a verdade dos fatos.

N- Pois não. Direi em quatro palavras o objetivo direto que me colocou à frente da greve que iniciamos ontem. Trata-se nada mais, nada menos, da questão do salário por nós, há tempos pleiteando. (Avançando mais no assunto, o moço declarou com firmeza): Já fizemos entre todos os colegas de serviço uma petição ao superintendente do frigorífico, sr. Antônio Pássaro, pedido esse que não foi atendido. Achando, como é lógico, dada à carestia da vida, os nossos ordenados não cobrem as despesas e muito, embora trabalhe-se como trabalhamos, 8 ou mais horas por dia, o ordenado é o mesmo, sem extraordinários, sem coisa alguma, sem mesmo uma esperança de melhores dias. (Uchak, 2024, p. 499).

A diversidade das representações e práticas do espaço entre os documentos analisados e as entrevistas realizadas com os antigos funcionários do Frigorífico Matarazzo em Jaguariaíva revelam diferentes perspectivas sobre a realidade vivida pelos trabalhadores. Enquanto os documentos como o Livro de Registro de Empregados de 1939 e reportagens da imprensa paranaense fornecem uma visão mais objetiva e institucional das condições de trabalho e das

práticas no frigorífico, as entrevistas com os antigos funcionários trazem uma dimensão pessoal e subjetiva, refletindo as memórias e experiências individuais.

As contribuições de Halbwachs (2008) e Bosi (2004) ajudam a explicar como a memória dos idosos pode ser reimaginada para valorizar o passado e a autoimagem, sendo influenciada pelo contexto atual. Halbwachs argumenta que a memória é moldada pelas estruturas sociais, enquanto Bosi destaca a importância das experiências de vida e das relações sociais na formação das lembranças. Dessa forma, as memórias dos idosos são reinterpretadas e ajustadas para se alinhar com suas percepções e necessidades presentes, conferindo um sentido de continuidade e identidade.

Discurso espacial e Ensino da Geografia

No contexto da memória, entendemos a construção da representação do espaço como uma relação interna cognitiva de lembrar e esquecer, fundamentada em contextos sociais e coletivos de experiências no espaço e no tempo (Calandro e Pezzato, 2023). Assim, as memórias são continuamente significadas e ressignificadas a partir das "trajetórias de vida" (Harvey, 2009), dependendo dos indivíduos, tramas e lugares que experimentamos ao longo da vida.

Entendemos que a memória prescreve nossas ações até o momento, como afirma Ricoeur (1996). Existe uma relação entre representação (memória) e ação (prática), em que a reflexão sobre a prática provoca uma nova representação e ação, dependendo das nossas "trajetórias de vida". Em síntese, quando essas reflexões e práticas envolvem vivências em espaços e lugares, chamamos isso de discursos e práticas espaciais.

As passagens sobre o Frigorífico Matarazzo destacam visões muito distintas de um mesmo período histórico. É essencial considerar os métodos de pesquisa e interpretação, as posições sociais e de fala de cada trabalho, e as teorias que ajudam a explicar esse fenômeno. Contudo, é inegável que a relação entre o lugar pesquisado e as pessoas envolvidas construiu múltiplas representações do espaço e do tempo.

Para compreender melhor o processo de multiplicidade de representações espaciais ao longo do tempo no contexto geográfico, recorremos a Martins

(2007). O autor utiliza o conceito filosófico de ontologia para discutir o espaço. Em uma relação entre ser e ente, no contexto geográfico, o ser é entendido como o espaço e o ente como o indivíduo, sendo o espaço condicionante e o indivíduo condicionado.

A relação entre ser e ente, em uma situação de identidade e alteridade ao longo do tempo, com todas as suas variáveis, é denominada pelo autor como geograficidade. Isso significa que a geograficidade se alterna mediante a metamorfose operada na relação homem-meio, sustentando a ideia de que o movimento é constituinte da forma complexa de existência. Dessa maneira, o espaço, como categoria da geografia, é historicamente construído. Isso se relaciona com as descrições e interpretações realizadas na presente pesquisa sobre o espaço do Frigorífico Matarazzo em Jaguariaíva, Paraná.

As interpretações das passagens destacadas seria “O tempo geográfico”, sendo “*a síntese dos ritmos que compõe o equilíbrio/desequilíbrio de um Momento, ou seja, de uma Duração*” (Martins, 2007, p. 41). Contudo, a síntese é instável e pode ser alterada no percurso das relações.

No contexto da memória, Ricoeur (1996) entende a síntese da memória como um processo de estabilização momentânea, que pode se reconfigurar ou se atualizar de acordo com novas relações. Esse processo ocorre por meio da significação e do esquecimento, sendo fundamental para a compreensão do mundo e a constituição do indivíduo. Na relação entre memória e lugar, o processo de síntese é um momento atual em que não há alteração do espaço; contudo, é nas relações sociais que surgem as demandas para construir um novo espaço.

O conceito geográfico de lugar visto a partir de Massey (2008) ajuda na compreensão dessa singularidade destacada por Martins (2007). Para a autora, o espaço é múltiplo, relacional e aberto, onde as histórias de grupos indivíduos se encontram, desencontram e reencontram e são mediados por geometrias de poder em múltiplas escalas, desde as mais sensíveis e locais até as mais complexas e estruturais. No lugar, essas características, é que forma o cotidiano do indivíduo. Contudo, como somos sociais, existe uma coexistência de cotidiano no espaço que se relacionam, dando a característica de singularidade do lugar.

Dessa maneira, compreender o seu espaço e seu tempo é uma forma de realizar escolhas mais assertivas para os projetos de vida. Assim, é necessário que o indivíduo se *localize* em meio a todo esse processo. Contudo, essa localização não é cartesiana, mas *qualitativa*, como expõe Martins sobre o fundamentado do ser-geográfico:

O ente entre entes, inserido numa estrutura de co-habitações, presente, portanto, num contexto de uma Distribuição, que coloca uma localização específica numa trama escalar, de Extensão determinada. E assim o sentido da localização se definirá pela intensidade qualitativa da relação e pela extensão a quase vê inserido o ente. Extensão e intensidade qualitativa numa relação variam em função de aspectos que vão desde a afetividade(identidade, sentimento de pertencimentos.) até o caráter técnico estabelecido na relação, e neste último caso sugere observar no limite até mesmo seu conteúdo tecnológico (Martins, 2007, p. 48).

Nesse sentido, é importante considerar um ensino de Geografia que auxilie na localização qualitativa do espaço e do tempo do indivíduo. Para isso, é necessário que o indivíduo se compreenda como fruto dos processos que moldaram a sociedade e seu meio até aqui e agora. Uma maneira de entender esses processos é conhecer um pouco da história do lugar onde vive, como as relações de trabalho no Frigorífico Matarazzo em Jaguariaíva, Paraná. Desta maneira, reiteramos a necessidade de um ensino de Geografia pautado no cotidiano do aluno, entendendo a construção do espaço ao longo do tempo para auxiliá-lo em uma visão crítica e reflexiva do mundo contemporâneo, especialmente no que diz respeito ao mundo do trabalho e à industrialização do Brasil.

Para Ricoeur (1996), a memória e a narrativa estão intimamente ligadas e moldam nossa visão de mundo até o presente, sendo reconfiguradas a partir de acontecimentos e eventos. Agimos de acordo com o que concebemos e refletimos sobre o mundo. Dessa maneira, a alteração ou manutenção do espaço se faz, antes de tudo, pela reflexão sobre ele, a partir da concepção de mundo do indivíduo e do grupo. Assim, entendemos o discurso como ação, dando a entender a compreensão de mundo dos operários do frigorífico analisados.

Para Harvey (2009) o discurso espacial aparece como espaços de representação

Os espaços de representação são invenções mentais (códigos, signos, “discurso espaciais”, planos utópicos, paisagem imaginárias e até construções materiais como espaços simbólicos, ambientes particulares construídos, pinturas, museus, etc.) que imaginam novos sentidos ou possibilidades para as práticas espaciais (Harvey, 2009, p. 201).

O geógrafo complementa: “Os espaços de representação, portanto, têm o potencial não de somente de afetar a representação do espaço como também de agir como força produtiva material com respeito às práticas espaciais” (Harvey, 2009, p. 201). No entanto, no caso dos operários, o discurso precede um espaço percebido. Para o Sr. João, existe uma “fricção da distância”, principalmente por conta de um distanciamento temporal e funcional do espaço do frigorífico. Além disso, os estudos da memória, pautados em Bosi (2004) e Halbwachs (2008), ajudam a explicar o sentimento saudosista e positivo sobre o frigorífico. Por outro lado, no discurso do Sr. Nahyr, líder grevista, a “fricção da distância” era menor temporalmente, o que resultava em maiores ações de mudanças sociais e na prática de apropriação e uso do espaço, promovendo, portanto, tentativas de alteração do espaço. Sendo assim, entendemos que a relação do indivíduo com o lugar pode estar separada não apenas espacialmente, mas temporalmente.

Mas, e o ensino de Geografia nesse contexto? Ao longo do texto, algumas questões importantes para considerar o ensino da Geografia são: 1) A importância do tempo na construção do espaço; 2) O lugar como ponto de partida para a compreensão das relações sociais. Dentro das discussões sobre o ensino de Geografia, destacamos algumas que, ao nosso ver, ajudam a contemplar as considerações esplanada e 3), O ensino de Geografia a partir da visão de mundo do indivíduo.

Sobre o primeiro ponto. Um dos autores que destaca a importância do tempo no processo de ensino e aprendizagem na Geografia são Roque Ascenção e Valadão (2014). Os autores apresentam a ideia da *compreensão da espacialidade do fenômeno* a partir do tripé metodológico e de conceitos

estruturantes. De um lado está o processo de localizar, descrever e interpretar e do outro, os conceitos estruturantes de espaço, tempo e escala.

Em relação à localização, entendemos que uma localização qualitativa, conforme defendida por Martins (2007), considera a construção do espaço pelos indivíduos ao longo do tempo. No caso do frigorífico, seus indivíduos e relações são frutos de contextos específicos, mas que, de alguma maneira, se relacionam com aspectos mais gerais da sociedade. Além disso, conhecer a história do frigorífico, sua relação com a industrialização e urbanização do Brasil no início do século XX, bem como os processos de fechamento e refuncionalização do espaço, ajuda a descrever o contexto e a gerar interpretações e inferências sobre esse espaço.

Sobre os conceitos estruturantes

Na questão espacial, é necessário compreender as transformações que estavam ocorrendo em todo o Brasil no início do século XX devido à industrialização e, no caso específico de Jaguariaíva, um ciclo econômico que sucedeu ao do tropeirismo e que teve como marco a chegada da ferrovia em 1900. Por exemplo, onde está Jaguariaíva e o frigorífico? Por que construíram em Jaguariaíva e não em outro lugar? Como é Jaguariaíva? O que há nesse lugar que justificou a construção do frigorífico ali?

No que diz respeito ao tempo, é necessário considerar a duração, ritmo e sucessão. Quanto tempo durou o frigorífico? Como era o contexto da sociedade naquela época? Como era antes do frigorífico e como ficou depois? Como era o ritmo de trabalho e a vida dos trabalhadores durante o período? Como era a velocidade do transporte antes, durante e depois? Como era a situação de trabalho naquele período e como é agora?

Por último, a escala. No caso do frigorífico, é uma questão interessante. Por exemplo, de onde vinham os porcos? De onde vinham os migrantes? Para onde iam os produtos produzidos? De onde vieram os trabalhadores brasileiros? De onde veio o maquinário? São algumas questões que ajudam a trabalhar com conceitos estruturantes da proposta dos autores a partir do que trabalhado no texto.

O segundo ponto, o ensino a partir do lugar. Straforini (2018), discute a importância de ensinar Geografia de forma integrada, considerando a complexidade de abordar os conteúdos de maneira inter-relacionada, em vez de isolada. Isso é desafiador para os professores, pois exige uma prática pedagógica e curricular que conecte diferentes aspectos geográficos, mostrando que a compreensão do todo é essencial para explicar suas partes

Aqui entendemos que as situações ocorridas em Jaguariaíva, desde o processo de industrialização, as características do trabalho e suas relações, e a utilização desses espaços após o período industrial, aconteceram, em maior ou menor grau, na maioria do Brasil. Dessa maneira, o microcosmo do Frigorífico Matarazzo certamente se repetiu em outras partes do Brasil e do mundo, conectando Jaguariaíva a contextos mais amplos da sociedade da época. Assim, o cotidiano evidenciado em Jaguariaíva pode servir para comparação, para a compreensão de outros cotidianos e para fazer relações que melhor caracterizem e signifiquem os conteúdos trabalhado em sala de aula.

No entanto, sabemos que a realidade é muito complexa, sendo impossível fazer todas as relações existentes. Se considerarmos a totalidade como o conjunto de todas as coisas em suas inter-relações, o ensino de Geografia enfrenta um desafio metodológico significativo: a impossibilidade de abordar todas as coisas e suas inter-relações simultaneamente. Portanto, a ideia de totalidade-mundo é, na verdade, uma abstração, como afirma Straforini (2018).

Isso porque a construção do conhecimento se faz na relação sujeito e objeto. Dessa maneira, sujeitos historicamente construídos significam e refletem sobre objetos a partir de suas concepções de mundo, que se relacionam como nossa terceira consideração. Assim, da mesma maneira que os indivíduos criam representações do espaço singulares considerando a sua história e a história do espaço, o processo de ensino e aprendizagem geográfica se faz da mesma maneira.

Sobre o terceiro ponto. Para Cavalcanti (2019), o espaço geográfico é o foco central da análise geográfica, realizada na relação entre sujeito e objeto. O conhecimento geográfico resulta da interdependência entre sujeito e objeto, em que ambos participam ativamente. O objeto possui uma realidade objetiva,

existindo independentemente do sujeito, enquanto o sujeito é constituído histórica e socialmente. Assim, o conhecimento gerado dessa relação é uma aproximação da realidade, construída a partir de um sistema de princípios e conceitos elaborados histórica e socialmente pelos seres humanos em seu contínuo processo de produção de conhecimento ao interagir com o mundo.

Contudo, quando expomos todas essas concepções teóricas e metodológicas, evidenciamos possíveis caminhos para facilitar o processo em sala de aula. No entanto, isso só é possível com a autonomia do professor em relação à sua prática pedagógica, tanto institucional quanto teórica e metodológica. Dessa forma, além das lutas de classe para garantir melhores condições de trabalho, é necessário que o professor seja construtor do seu projeto de ensino e aprendizagem. Isso se faz, principalmente, a partir de um professor que ensina e aprende, de um professor que pesquisa e entende seu espaço e o espaço dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre os discursos espaciais nas relações de trabalho do Frigorífico Matarazzo em Jaguariaíva revela múltiplas representações do espaço e suas influências na vivência e identidade dos trabalhadores. As narrativas coletadas mostram diversas perspectivas, destacando tanto as condições de trabalho difíceis quanto à resiliência dos operários. Essas memórias não são relatos isolados, mas parte de um contexto mais amplo de transformações econômicas e sociais no Brasil.

As diferentes representações do espaço, desde documentos históricos até vozes pessoais dos trabalhadores, mostram que o frigorífico vai além de sua função econômica, tornando-se um local de construção de identidades. Essa diversidade enriquece a compreensão do espaço geográfico e permite uma reflexão crítica sobre as relações sociais e de poder.

No ensino de Geografia, integrar essas múltiplas representações no currículo proporciona uma compreensão mais rica das realidades sociais. Essa abordagem valoriza o local e promove uma conexão mais profunda entre os estudantes e suas comunidades. Além disso, ao enfatizar a complexidade das

relações sociais e as diferentes maneiras de vivenciar o espaço, os professores podem estimular a reflexão crítica e a empatia, preparando os alunos para enfrentar desigualdades e injustiças.

Assim, o estudo do Frigorífico Matarazzo se transforma em uma prática educativa que une a análise crítica da realidade com a construção do conhecimento geográfico, formando cidadãos mais conscientes e engajados.

Agradecimentos

Agradeço à PROEPI/DIEEXT IFPR pelo apoio com a bolsa de pesquisa concedida a Maria Fernanda Chelski Myszynsk, que foi fundamental para a realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS

BERGSON, H. Matéria e memória - Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Editora Martins e Fontes, 1990.

BOSI, E. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. 3^a edição. São Paulo: Companhia de Letras, 2004.

BRANDÃO, Â. Memórias: Frigorífico das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo em Jaguariaíva. Curitiba: PNUD, 2000.

CALANDRO, T. L.; PEZZATO, J. P. Memória e lugar nas representações espaciais: implicações no ensino de Geografia por meio das contribuições de Paul Ricoeur. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 13, n. 23, p. 05–30, 2023. DOI: <https://doi.org/10.46789/edugeo.v13i23.1165>.

CAVALCANTI, L. de S. Pensar pela Geografia: ensino e relevância social. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

GINZBURG, C. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia de Letras, 1989.

HALBWACHS, M. A memória nos idosos e a nostalgia do passado. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 7, n. 21, p. 633-658, 2008. Link para acesso: https://www.cchla.ufpb.br/rbse/halbwachs_traducao.pdf

HARVEY, D. A condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 2009.

MASSEY, D. Pelo Espaço: uma nova política de espacialidade. Tradução Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

RICŒUR, P. **Tempo e narrativa III.** Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ROQUE ASCENÇÃO, V. O.; VALADÃO, R. Professor de Geografia: entre o estudo do conteúdo e a interpretação da espacialidade do fenômeno. Scripta Nova: **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 18, n. 496(3), p. 1-14, 2014. Link para acesso:
<https://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/14965/0>

STRAFORINI, R. O ensino de Geografia como prática espacial de significação. **Estudos avançados**, v. 32, n. 93, 2018. <https://doi.org/10.5935/0103-4014.20180037>

UCHAK, F. “A gente via o vai e vem de pessoas que trabalhavam na fábrica: experiências em comum dos trabalhadores e trabalhadoras do Frigorífico Matarazzo em Jaguariaíva–PR (1920 - 1940)”. In: LOPES, R. G. P. (org.). **Jaguariaíva 200 anos: história e memória**. Ponta Grossa, PR: Texto e Contexto Editora, 2024.

Como citar este artigo:

CALANDRO, Thiago Luiz; MYSZYNSKI, Maria Fernanda Chelski; MYSZYNSKI JUNIOR, Lucinei Jose. Conectando lugares e narrativas: reflexões sobre o ensino de geografia a partir do Frigorífico Matarazzo em Jaguariaíva - Paraná, Brasil. **GEOGRAFIA**, Rio Claro-SP, v. 50, n. 1, e-19637, 2025. DOI:
<https://doi.org/10.5016/geografia.v50i1.19637>

Recebido em 03 de setembro de 2025
Aceito em 01 de dezembro de 2025